

TRISH DOLLER

# Partidas e Chegadas

Algumas vezes você  
precisa se perder para  
encontrar o caminho

Partidas  
e  
Chegadas





*Em memória da Srta. Jean.  
Já sinto saudades.*



*A cura para qualquer coisa está na água  
salgada — as lágrimas, o suor ou o mar.  
(Isak Dinesen)*

Anna,

Há um tipo de felicidade intensificada que aparece quando você sabe que sua vida está quase chegando ao fim, quando a decisão de acabar com tudo se torna real. Talvez seja adrenalina. Talvez seja alívio. E se essa sensação estivesse sempre presente, eu teria escalado montanhas ou disputado maratonas. Agora, ela é suficiente apenas para colocar um ponto-final em tudo.

Eu deveria ter deixado você em paz naquela primeira noite, no bar. Se tivesse feito isso, você não estaria lendo esta carta agora. Você estaria passeando com seu cachorro ou vendo TV com algum namorado. Você não merecia ser arrastada para os meus problemas e, definitivamente, não merece a dor que estou prestes a lhe causar. Não é culpa sua. Por dois anos, você tem sido minha única razão de viver. Gostaria de ter lhe dado o para sempre.

Você é forte, corajosa e algum dia ficará bem. Você vai se apaixonar e já odeio esse cara, porque ele é alguém melhor que eu. Algum dia, você será feliz de novo.

Eu o amo, Anna. Me perdoe.

BEN

# Dez meses e seis dias

SAIO DA MINHA VIDA no Dia de Ação de Graças.

Compradores de última hora estão limpando as prateleiras atrás dos recheios de peru e de torta de abóbora, enquanto encho meu carrinho com tudo o que possa vir a precisar. (Feijão. Vegetais enlatados. Arroz.) Eu me movimento pelo mercado como uma pessoa que está atrasada para o fim do mundo. (Leite. Limão. Lanterna.) Ando com pressa para não perder as estribeiras. (Maçãs. Papel higiênico. Vinho tinto.) Tento pensar apenas no meu objetivo final, que é ir embora daqui. (Repolho. Baralho. Água mineral.) Ou no que possa estar esquecendo.

Minha mãe me liga enquanto estou colocando as sacolas do mercado no banco de trás do meu carro já lotado. Não contei para ela que não vou ficar para o jantar de Ação de Graças e



ela não está preparada para ouvir que estou saindo da cidade. Não está, porque eu mal saí de casa durante boa parte do ano. Ela vai fazer perguntas e eu não tenho respostas, então, deixo a ligação cair na caixa postal.

Quando chego às docas, *Alberg* está ali no mesmo lugar, o casco brilhante, pintado de azul-marinho, e a faixa vazia, ainda esperando por um nome. Por um momento, aguardo Ben aparecer na gaiuta da escotilha. Espero ver seu sorrisinho malandro e ouvir a excitação na sua voz quando me diz que hoje é o dia. Mas a escotilha está trancada com cadeado e o convés está coberto de cocô de passarinho — outra parte da minha vida que negligenciei.

Dez meses e seis dias atrás, Ben tomou uma caixa de um remédio tarja preta e completou com a tequila barata que morava embaixo da pia, até hoje não sei por quê. Ele já estava morto quando cheguei em casa do trabalho e o encontrei no chão da cozinha. Na carta de despedida, ele me disse que eu era sua razão de viver. Então, por que eu não fui o bastante?

Inspiro fundo, enchendo os pulmões. Expiro devagar. Entro no barco e destranco o cadeado.

O ar está pesado e quente, cheirando a cera de madeira, telas novas e um toque de diesel. Não tinha estado a bordo desde antes de Ben morrer. Aranhas fizeram teias nos cantos da cabine e uma camada de pó se assentou em cada superfície, mas as mudanças me deixam sem ar. O trabalho incrível do interior está preservado e brilhante. As feias e originais capas de almofada em xadrez marrom foram substituídas por lona vermelha e listras coloridas de estilo peruano. E uma gravura emoldurada e pendurada na divisória da frente em que está escrito: “EU & AMO & VOCÊ”.

— Pra que tanto trabalho pra uma viagem que você nunca vai fazer? — falo alto, mas é outra pergunta sem resposta. Enxugo os olhos na manga da minha camiseta. Uma das coisas que aprendi é que o suicídio não machuca o coração de alguém somente uma vez.

Levo o resto da manhã para limpar o barco, carregar os itens que estão no meu carro e arrumar tudo. Há marcas do Ben em todo o lugar: uma panela no fundo do armário suspenso, um engradado de cerveja vencida na cabine, um colete salva-vidas laranja mofado dentro da geladeira. Jogo tudo no lixo, mas mesmo com minha samambaia pendurada no suporte acima da minha cabeça e meus livros na estante, o barco pertence a Ben. Ele o escolheu. Ele o reformou. Ele definiu o curso. Ele determinou a data de partida. Minha presença ali parece algo temporário, como uma camada de poeira.

A última coisa no carro é uma caixa de sapato recheada de fotos tiradas com a máquina Polaroid de Ben, uma flor de hibisco seca do nosso primeiro encontro, um punhado de cartas de amor com toques picantes e uma carta de despedida. Tiro da caixa uma única foto — Ben e eu num farol, tirada uma semana antes de ele morrer — e enfio a caixa na última gaveta da estação de navegação. Colo a foto com fita adesiva na parede perto do beliche em formato de V, logo acima do meu travesseiro.

E é hora de partir.

Meu único plano era passar o dia de hoje na cama — meu único plano desde a morte de Ben —, mas acordei assustada com um alarme. A notificação do meu alarme dizia: HOJE É O DIA, ANNA! A GENTE VAI NAVEGAR! Ben havia programado o evento no meu calendário quase três anos atrás — no dia em que me mostrou o barco a vela e me perguntou se eu velejaria pelo mundo com ele — e eu tinha esquecido. Chorei até meus olhos doerem, porque não existe mais um *a gente* e havia me esquecido de como ser *eu* sem o Ben. Então, saí da cama e comecei a fazer as malas.

Nunca velejei sem o Ben. Não é sempre que acerto as terminologias — *é um cabo, Anna, não uma corda* — e terei sorte se conseguir chegar ao final do rio. Mas estou com menos medo do que vai acontecer comigo se navegar sozinha pelo Caribe do que o que pode acontecer comigo se eu ficar.

Meu chefe me liga enquanto estou desamarrando o barco das docas, sem dúvida imaginando se vou aparecer, mas não atendo. Ele vai descobrir em um ou dois dias.

Faço contato pelo rádio solicitando a abertura da ponte levadiça e, lentamente, me afasto do cais, o motor engasgando depois de meses parado. A corrente me puxa rio abaixo e guio o barco entre o espaço aberto da ponte. Assim que o atravesso, sou ultrapassada por um grande barco esporte de pesca. Um cara usando uma camisa de pesca turquesa acena para mim do convés traseiro. Ele não é tão mais velho que eu, bonitão, com jeito de aventureiro e bronzeado. Aceno de volta.

Navego por condomínios de luxo, iates brancos enormes e elegantes e uma rede de canais com casas tão grandes que a casa de minha mãe mal ocuparia o primeiro andar. Ela nunca foi alguém que sonhasse com mansões, mas quatro pessoas ocupando uma casa de dois quartos é um pouco demais. Mamãe diz que ama ter todas as suas garotas sob o mesmo teto, mas voltar para casa dela foi algo que eu nunca tinha imaginado. Minha vida era para ser com o Ben.

Quando alcanço a ponte levadiça na Terceira Avenida, o encarregado me avisa que preciso esperar porque ele acabou de deixar um grande barco esporte de pesca passar. Ben sempre manjava o barco quando precisávamos esperar, então, comecei a fazer pequenos círculos — com medo de bater em outro barco a vela que estivesse esperando — até que os carros pararam e a ponte começou a se abrir.

Navios de cruzeiro se alinham ao cais, seus conveses empilhados como camadas de um bolo de casamento. Navios de carga partem para o Atlântico, com destino a portos pelo mundo todo. O *Alberg* parece pequeno e insignificante enquanto navego entre eles e considero continuar segura, rumo ao sul pela costa, em vez de me aventurar em águas abertas. Mas a rota que Ben tinha traçado em sua carta náutica me levaria para a Baía Bis-